

Baixa autoestima nas redes sociais e impactos no rendimento escolar

Low self-esteem on social media and its impact on academic performance

Baja autoestima en las redes sociales e impacto en el rendimiento escolar

Beatriz Matos Costa 

Universidade Federal do Maranhão

Kessia Mileny de Paulo Moura  

Universidade Federal do Maranhão

Resumo

Este trabalho parte da premissa de que as redes sociais frequentemente reforçam estereótipos que acarretam implicações negativas à autoestima e a saúde emocional dos jovens, podendo inclusive influenciar no desempenho escolar. Nesse sentido, o objetivo principal deste artigo é analisar a relação entre a baixa autoestima gerada pelas interações nas redes sociais e o rendimento escolar dos jovens, explorando os desafios enfrentados pelos estudantes e discutindo estratégias pedagógicas para minimizar tais efeitos. O estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica do tipo narrativa que relaciona autoestima, redes sociais e aprendizagem, contribuindo para uma compreensão científica do problema e para possíveis caminhos de intervenção educacional. O levantamento bibliográfico aponta autores como Franco e Davis (2011) que afirmam que a autoestima não é algo natural; Guimarães (2021) e Noronha (2024), que colocam que o tempo excessivo nas redes sociais afeta na autoestima e por consequência na aprendizagem dos jovens. Como principal resultado destaca-se que o uso excessivo das redes sociais leva a uma priorização do virtual, afetando o bem-estar emocional e o rendimento escolar dos jovens. Conclui-se que o entrelaçamento desses assuntos que delinea o tema pesquisado é pouco abordado em literatura acadêmica, é preciso aprofundar os estudos sobre essa questão, uma vez que há implicações no desempenho escolar.

Palavras-chave: Baixa autoestima. Redes Sociais. Aprendizagem.

Abstract

This study is based on the premise that social networks often reinforce stereotypes that have negative implications for young people's self-esteem and emotional health, and may even influence their academic performance. In this sense, the main objective of this article is to analyze the relationship between low self-esteem generated by interactions on social media and young people's academic performance, exploring the challenges faced by students and discussing pedagogical strategies to minimize such effects. The study is based on a narrative literature review that relates self-esteem, social media, and learning, contributing to a scientific understanding of the problem and possible avenues for educational intervention. The literature review points to authors such as Franco and Davis (2011), who state that self-esteem is not something natural; Guimarães (2021) and Noronha (2024), who argue that excessive time on social media affects self-esteem and, consequently, young people's learning. The main finding is that excessive use of social media leads to a prioritization of the virtual world, affecting young people's emotional well-being and school performance. It is concluded that the intertwining of these issues that outline the researched topic is rarely addressed in academic literature, and further studies on this issue are needed, given its implications for school performance.

Keywords: Low self-esteem. Social media. Learning.

Resumen

Este trabajo parte de la premisa de que las redes sociales suelen reforzar estereotipos que tienen implicaciones negativas para la autoestima y la salud emocional de los jóvenes, y que pueden incluso influir en su rendimiento escolar. En este sentido, el objetivo principal de este artículo es analizar la relación entre la baja autoestima generada por las interacciones en las redes sociales y el rendimiento escolar de los jóvenes, explorando los retos a los que se enfrentan los estudiantes y discutiendo estrategias pedagógicas para minimizar dichos efectos. El estudio se basa en una revisión bibliográfica narrativa que relaciona la autoestima, las redes sociales y el aprendizaje, contribuyendo a una comprensión científica del problema y a posibles vías de intervención educativa. La revisión bibliográfica señala a autores como Franco y Davis (2011), quienes afirman que la autoestima no es algo natural; Guimarães (2021) y Noronha (2024), quienes sostienen que el tiempo excesivo en las redes sociales afecta la autoestima y, en consecuencia, el aprendizaje de los jóvenes. Como resultado principal, se destaca que el uso excesivo de las redes sociales lleva a dar prioridad a lo virtual, lo que afecta el bienestar emocional y el rendimiento escolar de los jóvenes. Se concluye que la interconexión de estos temas que delinea el tema investigado es poco abordada en la literatura académica, por lo que es necesario



profundizar los estudios sobre esta cuestión, ya que tiene implicaciones en el rendimiento escolar.

Palabras clave: : Baja autoestima. Redes sociales. Aprendizaje.

1. INTRODUÇÃO

O lugar das redes sociais na vida dos jovens parece cada vez mais alargado e essa constante tem gerado debates intensos sobre seus impactos na saúde mental e no desempenho escolar dos jovens. Segundo nos aponta Noronha *et al.* (2024), as tecnologias e as redes sociais impactam cada vez mais a vida e comportamento dos jovens, alterando o modo de se relacionar, reunir e comunicar.

Esse fenômeno se reflete diretamente, dentre outros aspectos da formação dos jovens, no desenvolvimento da autoestima, que frequentemente é pautada pela busca de validação externa e pela comparação com padrões idealizados apresentados nas redes sociais. A baixa autoestima resultante dessas interações pode impactar não apenas a saúde emocional, mas também o desempenho acadêmico, tornando-se um desafio significativo para a escola contemporânea.

Assim, é fundamental compreender como a baixa autoestima gerada por essas interações digitais afeta o processo de aprendizagem. A perspectiva de Paulo Freire (1987), que valoriza uma educação libertadora e promotora de protagonismo, permite compreender sobre como a ausência de uma formação baseada no reconhecimento do indivíduo contribui para a reprodução de padrões e valores opressores, como os que se manifestam nas redes sociais.

Nesse sentido, a pesquisa busca responder à seguinte problemática: De que forma a baixa autoestima gerada pelas interações em redes sociais afeta o rendimento escolar dos jovens? Tendo como objetivo analisar a relação entre a baixa autoestima gerada pelas interações nas redes sociais e o rendimento escolar dos jovens. Para isso, inicialmente conceituamos a autoestima e suas implicações na vida dos jovens; verificamos o lugar de impacto das redes sociais na vida dos jovens; discutimos a relação entre autoestima, rendimento e o papel da escola; por último, identificamos as principais consequências da baixa autoestima provocada pelas interações em rede social no desempenho e motivação para aprender no ambiente escolar.

A relevância do tema se encontra no fato de que, apesar de haver estudos sobre os impactos das redes sociais nos comportamentos dos jovens, percebemos que no quesito das relações da autoestima com o rendimento escolar ainda são escassos. Nesse sentido, este artigo buscou fomentar cientificamente esta discussão, buscando compreender essa relação, que por sua vez pode vislumbrar a minimização dos impactos negativos das redes sociais, bem como estratégias que fortaleçam a autoestima e favoreçam a qualidade do ensino.

Este artigo segue uma pesquisa exploratória, de revisão bibliográfica narrativa, com a finalidade de analisar publicações científicas que discutem a relação entre autoestima, redes sociais e aprendizagem. Para os autores Fernandes; Vieira e Castelhado (2023), a revisão bibliográfica narrativa diferente das revisões integrativas e sistemática apresenta elementos significativos para a edificação de materiais científicos validados em suas amplitudes técnicas, constituindo eixos temáticos, construções metodológicas e bases referenciais.

O levantamento bibliográfico foi realizado entre os meses de novembro de 2024 e janeiro 2025, as pesquisas foram realizadas nas plataformas SciELO, Google Acadêmico e DOAJ (Directory of

Open Access Journals), utilizando como descritores as palavras-chave: “autoestima”, “rendimento escolar” e “rede social”.

Assim o texto está estruturado em seções, que apresentam os conceitos centrais da pesquisa. A Seção 2, intitulada: o que é autoestima e como afeta os jovens? aprofunda o tema, explorando os impactos emocionais e sociais. A Seção 3, redes sociais na vida dos jovens, detalha os impactos positivos e negativos das interações digitais. A Seção 4, autoestima e aprendizagem, explora a relação entre autoestima e desempenho acadêmico. A seção 5 traz os dados resultantes da revisão e suas análises. Por fim, as considerações finais.

2. O QUE É AUTOESTIMA E COMO AFETA OS JOVENS?

De acordo com Franco e Davis (2011) a autoestima não é um traço fixo ou natural do ser humano. Pelo contrário, ela se constitui na relação com o mundo físico e social. No entanto, essa construção não é linear, pois novas vivências podem modificar essa percepção ao longo do tempo. Ainda segundo os autores, Franco e Daves (2011, p. 101) “[...] a autoestima não é natural, dada ou inata ao homem: ela é algo tênue, que surge das diferentes formas pelas quais se significam as situações vividas ao longo da vida”.

Diante disso, a autoestima pode ser entendida como a valoração que o indivíduo faz de si mesmo, baseada nas significações que ele atribui às suas vivências. Assim, ela pode ser predominantemente positiva ou negativa, dependendo da forma como as experiências são internalizadas e interpretadas.

De acordo com Franco e Davis (2011), muitos jovens que vivenciam rejeição, preconceito e dificuldades escolares internalizam essas experiências como parte de sua identidade, o que pode levar à baixa autoestima e dificultar o aprendizado. Sendo assim, a escola tem um papel fundamental na construção da autoestima dos alunos, pois é um espaço de interação social que pode fortalecer ou enfraquecer a autovalorização. Enquanto as condições concretas de vida não forem modificadas, alterações na consciência e, portanto, na forma de avaliar não devem ser esperadas (Franco; Davis, 2011).

Esse panorama fortalece a importância de um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, que promova a valorização individual e coletiva. A autoestima, portanto, não é apenas uma questão pessoal, mas também social, influenciada diretamente pelas interações e experiências vivenciadas no contexto educacional. Dessa maneira, a escola deve ser compreendida como um espaço transformador, capaz de contribuir para a construção de uma autoimagem positiva e para a superação de desafios que impactam o processo de aprendizagem.

3. REDES SOCIAIS NA VIDA DOS JOVENS

De acordo com IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), cerca de 190 milhões de pessoas utilizam a internet e o celular como meio de acesso e comunicação, e segundo Brunelli (2019), as ferramentas mais utilizadas são as redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas.

Esse movimento ficou evidenciado nos últimos anos. O uso da internet e das redes sociais cresceu significativamente, especialmente após a pandemia de covid-19. Segundo a Agência Brasil



(2021), o acesso à internet nos domicílios brasileiros passou de 71% em 2019 para 83% em 2020, refletindo uma maior dependência das tecnologias digitais para comunicação, lazer e aprendizado. E segundo Nascimento *et al.* (2024) mais de 85% dos estudantes foram afetados pelas medidas de distanciamento social.

Como vê-se esse aumento foi mais expressivo entre os jovens, que passaram a utilizar as redes sociais não apenas como forma de entretenimento, mas também como principal meio de interação social e acesso à informação. Segundo dados do Cetic (2024) sobre o uso da internet no Brasil, 76% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos fazem uso de redes sociais; sendo que 83% possuem perfis próprios.

Ainda segundo o Cetic (2024), no indicador de pesquisa Tic kids online, setenta por cento (70%) dos usuários de Internet de 9 a 17 anos acessam com frequência elevada o WhatsApp (53% utilizam a plataforma “várias vezes ao dia” e 17%, “todos os dias ou quase todos os dias”); a plataforma do YouTube aparece logo em seguida, com 66% (43% “várias vezes ao dia” e 23% “todos os dias ou quase todos os dias”); já o Instagram é utilizado por 60% das crianças e jovens (45% “várias vezes ao dia” e 15% “todos os dias ou quase todos os dias”); e o TikTok com 50% (37% “várias vezes ao dia” e 13% “todos os dias ou quase todos os dias”).

De acordo com Noronha *et al.* (2024), o grande número de usuários de internet no Brasil demonstra a relevância das redes sociais na vida cotidiana dos jovens. O acesso facilitado por dispositivos móveis torna essas plataformas praticamente indispensáveis para comunicação, lazer e consumo de informação. No entanto, esse uso constante pode gerar impactos psicológicos e sociais, que precisam ser analisados com atenção.

Como condiz Fernan (2021 *apud* Noronha, 2024) é notório a influência da tecnologia no cotidiano dos jovens, o que os distancia das relações sociais. Essa afirmação destaca um dos grandes dilemas das redes sociais: ao mesmo tempo que conectam, podem isolar. Muitos jovens substituem o contato presencial pelo virtual, o que pode comprometer o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais.

Para Guimarães (2020) e Noronha (2024) deve-se considerar os malefícios e os impactos psicológicos e emocionais, como, sensação de solidão, oriunda dos relacionamentos superficiais. Também, perda da noção do tempo por consequência das demasiadas horas em que a pessoa permanece conectada. E ainda, o aumento da propagação das falsas informações sobre a vida de outras pessoas

Guimarães (2020) ainda enfatiza que o excesso de tempo redes sociais pode levar a comparações prejudiciais e a uma percepção distorcida da realidade. Muitos jovens se sentem inseguros ao comparar suas vidas com as versões idealizadas que veem online, o que pode resultar em baixa autoestima e insatisfação pessoal. Conforme aponta Moreira de Freitas *et al.* (2021) a utilização excessiva da tecnologia acarreta implicações no domínio pessoal, familiar, social e acadêmico, com possíveis consequências nefastas para o bem-estar e a saúde psicológica dos jovens. O impacto das redes sociais vai além do mundo digital, afetando a vida acadêmica e os relacionamentos familiares dos jovens. Por isso, é fundamental incentivar o uso consciente dessas plataformas para evitar prejuízos emocionais e sociais.

Ainda, Moreira de Freitas *et al.* (2021) e Noronha (2024), consideram que a constante dedicação excessiva no ambiente virtual pode modificar padrões de convivência, reduzindo interações presenciais e afetando o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Além disso, o excesso de tempo conectado pode comprometer hábitos essenciais, como a rotina de estudos e o tempo dedicado à família, influenciando diretamente no desempenho escolar e no bem-estar geral. Dessa forma, compreender esses impactos e buscar estratégias para um uso equilibrado das redes torna-se essencial, para minimizar seus efeitos negativos e preservar a qualidade de vida dos jovens.

4. AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM: O PAPEL DA ESCOLA

De acordo com Franco (2009) a construção da autoestima no ambiente escolar está diretamente relacionada às experiências vividas pelos estudantes. Se o jovem passa por processos de exclusão ou fracasso escolar, sua autoestima tende a ser afetada de maneira significativa, dificultando sua recuperação e adaptação a novos cenários de aprendizagem. Para Franco (2009, p. 326):

Muitas são as pesquisas que apontam para o enorme contingente de sujeitos que passaram por experiências negativas devido a práticas escolares nefastas. Essas experiências, muitas vezes, marcaram de tal forma o sujeito que fica difícil para a pessoa ressignificar sua história, mesmo diante de novas circunstâncias.

Nesse contexto, o ambiente escolar tem sido legitimador de experiências positivas e negativas para os que o frequentam, implicando marcas nos mais diversos aspectos que conjugam e formatam os sujeitos. Assim, é importante perceber, conforme nos assegura Franco (2009, p. 329), que “[...] se a autoestima influencia a aprendizagem escolar, esta também incide sobre a autoestima e ambas são construídas na relação com o outro”.

Essa afirmação reforça a ideia de que a relação entre autoestima e aprendizagem é um processo dialético. Franco (2009) sugere que a forma como os jovens se percebem impacta diretamente seu desempenho acadêmico, mas, ao mesmo tempo, o sucesso ou fracasso escolar contribui para a construção da autoestima.

Esse argumento se alinha à problemática da influência das redes sociais, pois jovens que vivenciam críticas e rejeição nestes espaços podem internalizar tais experiências como determinantes de sua capacidade acadêmica.

No contexto das redes sociais, isso significa que um jovem que recebe validação positiva por seu desempenho pode reforçar sua autoconfiança, enquanto aqueles que enfrentam comparações e críticas negativas podem ter sua autoestima abalada, prejudicando sua motivação para aprender.

Diante desse cenário, é fundamental que a escola atue como um espaço acolhedor, onde os estudantes sintam-se seguros para errar e aprender sem medo de julgamentos. Segundo uma publicação no site SoEscola (2024), quando professores e gestores estabelecem regras claras e promovem uma comunicação aberta, os alunos desenvolvem maior confiança em sua capacidade acadêmica, reduzindo a insegurança que pode ser agravada pelas redes sociais. Além disso, criar um ambiente que valorize a diversidade e incentive o respeito mútuo é essencial para fortalecer a autoestima dos estudantes e minimizar os impactos negativos da comparação social online.



Nesse sentido, a parceria entre escola e família torna-se um elemento-chave para ajudar os jovens a interpretar de maneira crítica os conteúdos que consomem na internet e a compreender que a vida real não se resume ao que é postado online. Ainda na publicação é destacado que o apoio de educadores e responsáveis pode contribuir para que os estudantes construam uma autoimagem mais positiva e ressignifiquem suas experiências escolares, transformando desafios acadêmicos em oportunidades de crescimento.

Para Franco (2009, p. 328) “[...] na medida em que os alunos percebem-se como capazes de aprender, as relações mantidas com os docentes e com o grupo são modificadas”. O autor destaca a importância do reconhecimento da própria capacidade de aprendizagem na construção da autoestima. Isso significa que um ambiente escolar que favorece a valorização do estudante pode contribuir para a superação de dificuldades e fortalecer sua autoconfiança. Assim, quando um estudante desenvolve expectativas positivas em relação ao seu futuro acadêmico, isso pode gerar um efeito motivacional significativo, levando-o a adotar comportamentos mais proativos em relação aos estudos. Esse aspecto é fundamental para jovens que enfrentam desafios na aprendizagem, pois reforça a importância de um ambiente escolar que incentiva a confiança e a persistência.

No ambiente escolar, as interações entre profissionais e a organização das atividades impactam diretamente no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, nisso incluindo suas questões emocionais e psicológicas, como a autoestima. A transformação do contexto escolar e a forma como as relações são construídas na escola podem influenciar significativamente a forma como os alunos percebem a si mesmos e sua capacidade de aprender.

Dessa forma, as práticas de gestão e organização escolar não podem ser vistas isoladamente do processo de aprendizagem. Elas formam o ambiente que, por sua vez, é decisivo para o desenvolvimento da autoestima dos alunos e, conseqüentemente, para a qualidade de seu aprendizado. A forma como a escola se organiza e como os profissionais interagem com os alunos pode contribuir de maneira decisiva para a construção de um ambiente que favoreça a autoconfiança e o bem-estar emocional dos estudantes, elementos essenciais para um aprendizado efetivo.

4.1. Apresentação e análise dos dados da pesquisa

Esta pesquisa qualifica-se como uma revisão bibliográfica, de caráter exploratório, considerando a lacuna de trabalhos que relacionem autoestima, aprendizagem e redes sociais. Os dados foram pesquisados em três plataformas de busca, conforme comentado anteriormente. SciELO, Google Acadêmico e no DOAJ, utilizando sempre os mesmos descritores como ‘autoestima’, ‘rendimento escolar’, e ‘rede social’.

Inicialmente, havia sido estabelecido um recorte temporal entre 2019 e 2024. Contudo, ao aplicar tal filtro, verificou-se que as bases SciELO e DOAJ não retornaram resultados compatíveis com o tema. Dessa forma, optou-se por retirar a limitação de ano em todas as plataformas, garantindo a combinação metodológica da busca e ampliando a quantidade de trabalhos analisados.

Os critérios de inclusão foram, trabalhos que relacionassem autoestima e rendimento escolar, com ou sem a mediação das redes sociais, publicados em língua portuguesa, disponíveis integralmente online. Já os critérios de exclusão foram os estudos sem muita conexão com o objeto

desta pesquisa e publicações voltadas para áreas alheias ao campo educacional. Nesse procedimento, selecionamos ao final 7 trabalhos. Vejamos o quadro.

Quadro 1 – Quantidades de trabalhos encontrados

Plataforma	Quantidade de trabalhos encontrados	Selecionado
DOAJ	6	1
SCIELO	19	2
GOOGLE ACADÊMICO	174	4
TOTAL		7

Fonte: Dados da pesquisa.

Após isso procedemos na leitura completa dos sete trabalhos encontrados e suas respectivas análises, realizada de forma crítica e interpretativa, buscando identificar pontos convergentes, lacunas e percepções relevantes sobre a problemática da pesquisa. Vejamos os achados disponíveis no Quadro 2.

Quadro 2 – Achados

Título	Autor/ano	Objetivo do trabalho encontrado
Autoestima: gênese e constituição de um atributo construído socialmente	Franco e Davis (2011)	O estudo analisa, nos marcos da perspectiva sócio-histórica, os elementos constitutivos da construção social da autoestima no processo ensino-aprendizagem de alunos que viveram histórias de fracasso na escola.
O mito da autoestima na aprendizagem escolar.	Franco(2009)	Analisar criticamente o conceito de autoestima no contexto escolar e suas relações com o fracasso escolar, a partir da perspectiva sócio-histórica (Vigotski).
Redes sociais: influências na construção da identidade dos adolescentes	Guimarães (2020)	Analisar como o uso das redes sociais interfere na construção da identidade dos adolescentes
Avaliando o impacto do uso excessivo das redes sociais na saúde mental dos jovens no Brasil	Noronha (2024)	Analisar os efeitos do uso excessivo das redes sociais na saúde mental de jovens no Brasil.
Seguindo em frente!: O fracasso escolar e as classes de aceleração	Pezzi (2016)	Caracterizar o trabalho desenvolvido em classes de aceleração de aprendizagem de uma escola municipal de São Leopoldo (RS) e seus efeitos sobre adolescentes com histórico de fracasso escolar, seus pais e professores.
Uso de internet e mídias sociais por estudantes universitários	Fermann (2021)	Mapear o perfil de jovens universitários e a forma como utilizam as mídias sociais.
Percepções dos adolescentes sobre o uso das redes sociais e sua influência na saúde mental	Moreira de Freitas (2021)	Identificar a percepção de adolescentes sobre o uso das redes sociais e os efeitos em sua saúde mental

Fonte: Dados da pesquisa.

Franco e Davis (2011), em sua pesquisa qualitativa fundamentada nas narrativas de vida de dois jovens que enfrentaram dificuldades escolares e passaram por classes de aceleração em uma região do interior de São Paulo, argumentam que a autoestima é uma avaliação de si que é construída social e historicamente. As autoras destacam que alterações duradouras na autoestima estão



conectadas a condições reais de vida e a uma escola que funcione como um espaço de humanização. Nos casos estudados, uma das participantes reinterpreta sua experiência escolar ao encontrar acolhimento e diálogo nas classes de aceleração, por outro lado, outro sujeito da pesquisa, que vivenciou reprovações e dificuldade de desenvolver a linguagem escrita, descobre apoio e uma nova orientação identitária na religião. Isso evidencia que intervenções focadas exclusivamente no indivíduo frequentemente não são suficientes sem uma educação de qualidade e um planejamento político-pedagógico que se comprometa a combater as desigualdades.

O estudo de Franco (2009) analisa a forma como a autoestima é socialmente formada no contexto educacional, fundamentando-se na perspectiva sócio-histórica de Vigotski. A autora desafia as teorias que veem a autoestima como uma característica natural e inata do indivíduo, sustentando que ela é fruto das interações sociais, culturais e históricas. Ainda destaca que vivências negativas na escola, principalmente aquelas ligadas ao fracasso, podem deixar cicatrizes profundas no estudante, impactando sua autoimagem e sua capacidade de reavaliar sua própria trajetória. Nesse cenário, o artigo nos ajuda a compreender a noção de autoestima e como ela se constitui. A autora propõe que se abandone a noção de que a autoestima é um elemento isolado que define sucesso ou fracasso escolar, enfatizando que a construção do indivíduo é um processo que engloba aspectos históricos e sociais, não podendo ser reduzida para características individuais.

Já o estudo realizado por Pezzi (2016), teve como propósito examinar a dinâmica das classes de aceleração de aprendizagem em uma escola municipal em São Leopoldo-RS e seus impactos sobre adolescentes com histórico de fracasso escolar, além dos efeitos percebidos por seus pais e professores. A pesquisa foi conduzida com uma abordagem qualitativa, descritiva e transversal, envolvendo 35 adolescentes, 11 pais e 3 professoras que participaram por meio de grupos focais e fichas de contato como instrumentos para a coleta de dados. Os achados indicaram que as classes de aceleração proporcionaram uma melhoria significativa na autoestima e no desempenho acadêmico dos jovens, resultando também em mudanças benéficas no ambiente familiar. Um fator crucial para o êxito do projeto foi o vínculo estabelecido entre educadores e alunos, facilitado pelo número reduzido de professores e pela metodologia interdisciplinar aplicada. Ademais, ressaltou-se que a reestruturação curricular proposta não apenas auxiliou na correção da disparidade idade-série, mas também fortaleceu a autoconfiança dos estudantes em suas próprias habilidades. Assim, os autores evidenciam que iniciativas pedagógicas inovadoras, quando combinadas com acolhimento e valorização das trajetórias dos alunos, têm o potencial de atenuar os efeitos do fracasso escolar, promovendo inclusão e ressignificação da experiência educativa.

Diante disso, a contribuição desses trabalhos para o objeto de nossa pesquisa está em caracterizar a escola não como única instituição, mas também uma instituição que favorece a constituição da autoestima. Não é uma prerrogativa somente da escola, uma vez que esta não está sozinha no arcabouço de instituições que oferecem vivências que formatam a autoestima dos jovens, mas, como destacado em trabalho narrado anteriormente, seu trabalho pode produzir efeitos nas mais diversas dimensões dos sujeitos que não podem ser desconsiderados.

Mesmo que o lócus da pesquisa não inclua o mundo virtual das redes, no contexto dessas pesquisas narradas, percebemos que a escola é uma instituição que oportuniza e/ou repercute vivências boas e ruins nos sujeitos que a frequentam, mas também pode atuar e contribuir para

minimizar danos que os processos externos tenham provocado sob os jovens nos ambientes externos em que estão imersos.

A escola pode oferecer experiências positivas e contribuir para a formação integral dos sujeitos, e sendo formado, este jovem deve conseguir atuar de forma segura e sábia nos mais diversos espaços que participe. A contribuição deste trabalho para nossa pesquisa está justamente em perceber que as práticas escolares podem produzir efeitos assertivos, reverberados na autoestima e aprendizagens dos jovens.

Além disso, ao analisarmos os trabalhos, torna-se claro que a escola não deve ser considerada isoladamente, mas sim como parte de uma rede mais ampla de interações que permeiam a vida dos jovens. O ambiente escolar possui o potencial de ressignificar experiências adversas e fortalecer a autoconfiança dos indivíduos; entretanto, as redes sociais e os espaços virtuais também se configuram como contextos formativos, capazes tanto de expandir horizontes quanto de promover comparações prejudiciais que podem enfraquecer a autoestima.

Nesse contexto, as pesquisas indicam a importância de reconhecer que a aprendizagem transcende os limites da sala de aula, sendo constantemente influenciada por experiências externas, especialmente no ambiente digital. Compreender essa realidade é essencial para que as abordagens pedagógicas sejam mais intencionais, estabelecendo um diálogo com a vivência dos estudantes e atuando preventivamente em relação aos efeitos do uso excessivo das redes sociais.

Assim sendo, refletir sobre os efeitos da baixa autoestima na aprendizagem implica considerar essa interseção entre o ambiente escolar e o mundo virtual, reconhecendo que ambos exercem uma influência direta na forma como os jovens se veem e se projetam para o futuro. É exatamente nesse aspecto que esta pesquisa se torna relevante, ao buscar entender como tais interações podem tanto fragilizar quanto potencializar os processos educativos.

Guimarães (2020) oferece uma análise sobre a forma como o ambiente digital impacta a formação da subjetividade e identidade dos jovens em desenvolvimento. As autoras argumentam que, durante a adolescência, que é um período caracterizado por autodescobertas e busca de independência, o uso intensivo das redes sociais pode proporcionar tanto oportunidades de interação quanto riscos de isolamento, ansiedade e distorção da realidade. A pesquisa revela que, embora a internet conecte pessoas e culturas, ela também pode levar os adolescentes a desenvolverem uma identidade superficial, influenciada pela comparação com padrões externos e pelo uso de ferramentas digitais que alteram sua aparência e percepção pessoal. Dessa maneira, o estudo conclui que a formação da identidade nessa fase é cada vez mais permeada por influências virtuais, gerando impactos psicológicos e sociais significativos.

O trabalho de Noronha (2024), analisou doze pesquisas publicadas entre 2019 e 2023, revelando que o uso excessivo das redes sociais está correlacionado a consequências sérias para a saúde mental dos jovens. Entre os achados, destacam-se a baixa autoestima, a diminuição da satisfação com a vida e um aumento nos casos de ansiedade, depressão, transtornos de personalidade, distúrbios do sono e até riscos de autolesão. No entanto, o estudo também aponta aspectos positivos, como a capacidade de conectar indivíduos distantes, o fortalecimento de laços amistosos, o acesso facilitado à informação e o progresso no ensino remoto. A pesquisa sublinha que os



efeitos das redes sociais são ambivalentes, apresentando tanto vantagens quanto desvantagens, dependendo da intensidade e da maneira como os jovens utilizam essas plataformas digitais.

A pesquisa realizada por Fermann (2021) teve como objetivo mapear o perfil dos jovens universitários e analisar como eles utilizam a internet e as redes sociais em seu cotidiano. Este estudo, de natureza quantitativa, descritiva e transversal, envolveu 143 alunos de uma universidade privada localizada no Sul do Brasil, os quais responderam a questionários sobre seus hábitos de uso digital, sono, lazer, prática de atividades físicas e dependência em relação à tecnologia.

Os achados revelaram que todos os participantes acessavam o aplicativo WhatsApp diariamente, seguido pelo Facebook e YouTube, evidenciando a importância das mídias sociais na rotina dos estudantes. A maioria dos entrevistados apresentou níveis de dependência classificados como leves a moderados, mas que já eram suficientes para afetar aspectos fundamentais da vida cotidiana, como a qualidade do sono, a prática de exercícios físicos e até mesmo a saúde mental.

O estudo conclui ainda que, embora as redes sociais sejam ferramentas valiosas para comunicação e interação social, elas também exercem uma influência significativa nas relações presenciais dos universitários e em seu bem-estar geral. Os autores enfatizam ainda a necessidade de investigações futuras que explorem estratégias para prevenir o uso problemático da internet e desenvolvam intervenções voltadas à promoção da saúde física e psicológica dos jovens durante sua formação acadêmica.

O Artigo de Freitas (2021), teve como propósito investigar a percepção dos adolescentes acerca dos efeitos das redes sociais em suas vidas e na saúde psicológica. Esta pesquisa, de natureza descritivo-exploratório e com uma abordagem quanti-qualitativa, envolveu 71 adolescentes com idades entre 10 e 19 anos, utilizando um questionário online aplicado através da técnica de amostragem “bola de neve”.

Os resultados revelaram que todos os participantes utilizavam redes sociais com frequência, sendo WhatsApp e Instagram as plataformas mais mencionadas. Entre os riscos identificados, a exposição de dados pessoais foi citada por 34% dos adolescentes, seguida do vício em redes sociais, mencionado por 19,3%. Os sentimentos mais comuns relatados foram constrangimento (27%) e insegurança. Apesar das preocupações levantadas, os adolescentes também reconheceram aspectos positivos das redes sociais, como a oportunidade para estudos, acesso a atualizações e a formação de novas amizades.

No entanto, o estudo adverte sobre o aumento de novas formas de adoecimento mental associadas ao uso excessivo das redes sociais, incluindo questões como ansiedade, depressão, cyberbullying e isolamento social. Os autores enfatizam a necessidade de que profissionais da saúde e da educação se engajem com essa realidade para desenvolver ações preventivas e estratégias de suporte que considerem a importância central da internet na vida dos jovens.

Nestes trabalhos temos a consideração das implicações do campo virtual das redes sociais na constituição dos jovens. Nos interessou sobretudo por nos permitir refletir que os jovens não devem ser traduzidos de forma separada em cada processo ou instituição que está imerso. O jovem é uma teia complexa de dimensões que se formata no experiencial, que reverbera em cada dimensão específica, como também no todo.

O conjunto dessas pesquisas proporciona uma compreensão de que a autoestima dos jovens é influenciada por diversas dimensões, sendo significativamente afetada pelas experiências no contexto escolar e pelas interações no ambiente digital. As redes sociais, em particular, se apresentam como um espaço ambivalente, de um lado, promovem conexões, autoexpressão e senso de pertencimento; por outro, reforçam estereótipos e comparações que podem minar a autoconfiança, gerando sentimentos de inadequação e ansiedade. Essa instabilidade emocional tem um impacto direto na aprendizagem, pois quando os jovens se sentem inseguros ou desvalorizados, enfrentam mais dificuldades para se concentrar, participar e desenvolver seu potencial acadêmico.

Ao examinar os sete estudos, fica claro que todos eles indicam uma mesma direção, a formação da autoestima e da identidade dos adolescentes não ocorre de maneira isolada, mas se desenvolve através das relações que estabelecem, seja no ambiente escolar, na família ou na esfera virtual e reverberam em todas elas. As pesquisas sobre o contexto escolar (Franco; Davis, 2011; Franco, 2009; Pezzi, 2016) demonstram como um acolhimento adequado, o diálogo e práticas pedagógicas inovadoras podem converter experiências de fracasso em chances de crescimento, reforçando a autoconfiança dos alunos. Por outro lado, as investigações sobre o uso das mídias sociais (Guimarães, 2020; Noronha, 2024; Fermann, 2021; Freitas, 2021) revelam uma realidade complexa, enquanto as plataformas digitais conectam pessoas e expandem as oportunidades de aprendizado, elas também podem provocar ansiedade, insegurança e impactar a saúde mental quando utilizadas em excesso. Juntos, esses estudos nos convidam a refletir que a formação dos jovens deve ser abordada de forma holística, levando em conta tanto os desafios enfrentados na escola quanto as influências do meio digital, para que eles se sintam valorizados, apoiados e aptos a construir trajetórias mais seguras e significativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou estudar como a baixa autoestima, influenciada pelo uso das redes sociais, pode impactar o rendimento escolar dos jovens. Quando esses indivíduos passam a se comparar constantemente com padrões irreais, buscam validação digital ou enfrentam críticas nas plataformas, a autoconfiança pode ser comprometida, refletindo-se negativamente no ambiente escolar. Essa dinâmica pode gerar dificuldades no processo de aprendizagem, uma vez que a autoestima está intimamente ligada à motivação e ao desempenho acadêmico.

Os trabalhos nos colocam que é necessário repensar a formação integral dos jovens, entendendo que a autoestima, a identidade e a saúde mental não são aspectos individuais, mas influencia pelas condições sociais, históricas educacionais e também pelas vivências no ambiente digital. Mesmo não relacionando diretamente os temas da autoestima e rendimento escolar, aqui encontramos um fundamento para esta relação. O sujeito vai formatando suas dimensões, que reverberam em cada uma especificamente e também na complexidade do todo.

O medo de errar, a falta de motivação e até mesmo a desistência dos estudos podem ser consequências desse processo. No entanto, esse cenário não é definitivo. A escola tem um papel fundamental na construção da autoestima dos estudantes, pois é ali que eles encontram oportunidades para desenvolver seu potencial, se sentirem valorizados e descobrirem que são muito mais do que aquilo que as redes sociais mostram. Professores e gestores precisam estar atentos a essa



realidade e buscar estratégias que incentivem um ambiente mais acolhedor, onde o erro não seja motivo de vergonha, mas sim uma etapa natural da aprendizagem.

Além disso, é essencial refletirmos sobre o uso consciente das redes sociais. A tecnologia, por si só, não é vilã, mas a forma como interagimos com ela pode ser prejudicial se não houver equilíbrio. Famílias e educadores precisam atuar juntos para ajudar os jovens a interpretar de maneira crítica os conteúdos que consomem e a compreender que a vida real não se resume ao que é postado online.

Assim, este estudo reforça a necessidade de um olhar mais humano dentro das escolas, onde o bem-estar emocional dos alunos seja uma prioridade. Não se trata apenas de garantir boas notas, mas de formar jovens confiantes, capazes de enxergar seu próprio valor e enfrentar os desafios com mais segurança. Que possamos, cada vez mais, construir espaços educativos onde a autoestima dos estudantes seja fortalecida, e não fragilizada.

Por fim, levando em conta a escassez de pesquisas que relacionam esses temas, indicamos que precisam ser explorados cientificamente e de maneira aprofundada. Considerando o panorama que esses achados nos colocaram, precisamos perspectivar estes jovens de maneira holística, buscando desvelar as nuances que reverberam em cada uma das dimensões que os constitui e entre elas. Precisamos aproximar nas pesquisas as dimensões, conforme nos entre autoestima e rendimento escolar, para avançarmos na compreensão dos sujeitos em sua complexidade.

6. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Estudo mostra que pandemia intensificou uso das tecnologias digitais. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>. Acesso em: 28 fev. 2025

FERMANN, Ilana Luiz *et al.* Uso de internet e mídias sociais por estudantes universitários: um campo de estudo emergencial. **Ciencias Psicológicas**, v. 15, n. 1, 2021.

FERNANDES, Jacira Mayara Batista; VIERA, Lidiane Torres; CASTELHANO, Marcos Vitor Costa. Revisão de Narrativas enquanto metodologia científica significativa: Reflexões Técnicas-Formativa. **Redes-Revista Educacional da Sucesso**. v.3, n.1, p.1-7, 2023.

FRANCO, Adriana de Fátima. O mito da autoestima na aprendizagem escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 2, p. 325–332, jul. 2009.

FRANCO, Adriana; DAVIS, Claudia. Autoestima: gênese e constituição de um atributo construído socialmente. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 99-118, jul./dez. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

GUIMARÃES, Águita da Mota; ALEIXO, Livia da Silva. **Redes sociais**: influências na construção da identidade dos adolescentes. Rede de Ensino DOCTUM, 2020. <https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2389>

MOREIRA, Rodrigo Jacob de Freitas *et al.* Percepções dos adolescentes sobre o uso das redes sociais e sua influência na saúde mental. **Enferm. glob.** Murcia, v. 20, n. 64, p. 324-364, 2021. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412021000400324&lng=es&nrm=i-so. Acesso em: 02 out. 2023.

NASCIMENTO, K. A. S. do; FIALHO, L. M. F.; NEVES, V. N. S.; COSTA, M. A. A. da; PEREIRA, A. S. M. Metodologias ativas mediadas por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação em Programa de Pós-Graduação em Educação no pós-pandemia. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, p. e024043, 2024. DOI: 10.21723/riaee.v19i00.18370. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18370>. Acesso em: 5 out. 2025.

NIC.br. **TIC Kids Online investiga, pela primeira vez, frequência do uso de plataformas digitais por crianças e adolescentes**. 2025. Disponível em: <https://nic.br/noticia/releases/tic-kids-online-investiga-pela-primeira-vez-frequencia-do-uso-de-plataformas-digitais-por-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 28 fev. 2025

NORONHA, Jéssica Fernanda Mateus *et al.* Valiando o impacto do uso excessivo das redes sociais na saúde mental dos jovens no Brasil: revisão sistemática da literatura. **Revista Foco**, v. 17, n. 11, p. 1-27, 11 nov 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6278>. Acesso em: 8 set. 2025.

PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; MARIN, Angela Helana. “Seguindo em frente!”: O fracasso escolar e as classes de aceleração. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo- SP, v. 20, n. 2, p. 217-229, 1 mai 2016.

SOESCOLA. **Como criar um ambiente escolar seguro e acolhedor para todos?** Disponível em: <https://www.soescola.com/glossario/como-criar-um-ambiente-escolar-seguro-e-acolhedor-para-todos>. Acesso em: 1 mar. 2025.

Como citar – ABNT

SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome. Lorem ipsum dolor sit amet consectetur adipiscing elit fuisce malesuada molestie nunc id sodales ipsum ornare vel. **Revista Poiesis Pedagógica**, Catalão/GO, Brasil, v. 23, e2025030, Dezembro, 2025. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v23.75135>

Como citar – APA

SOBRENOME, N. N., SOBRENOME, N. N., & SOBRENOME, N. N. (2025). Lorem ipsum dolor sit amet consectetur adipiscing elit fuisce malesuada molestie nunc id sodales ipsum ornare vel. *Revista Poiesis Pedagógica*, 23, e2025030. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v23.75135>

Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial

Submetido: 16 de agosto de 2025.

Aprovado: 25 de novembro de 2025.

Publicado: 26 de dezembro de 2025.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.



Contribuição dos autores

Resumo/Abstract/Resumen: Beatriz Matos Costa, Kessia Mileny de Paulo Moura; **Introdução ou Considerações iniciais:** Beatriz Matos Costa, Kessia Mileny de Paulo Moura; **Referencial teórico:** Beatriz Matos Costa, Kessia Mileny de Paulo Moura; **Metodologia:** Beatriz Matos Costa, Kessia Mileny de Paulo Moura; **Análise de dados:** Beatriz Matos Costa, Kessia Mileny de Paulo Moura; **Discussão dos resultados:** Beatriz Matos Costa, Kessia Mileny de Paulo Moura; **Conclusão ou Considerações finais:** Beatriz Matos Costa, Kessia Mileny de Paulo Moura; **Referências:** Beatriz Matos Costa, Kessia Mileny de Paulo Moura; **Revisão do manuscrito:** Beatriz Matos Costa, Kessia Mileny de Paulo Moura; **Aprovação da versão final publicada:** Beatriz Matos Costa, Kessia Mileny de Paulo Moura.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Poiesis Pedagógica os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Poiesis Pedagógica têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (**Open Access**) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (**Article Processing Charges – APCs**). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)**. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o artigo em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.



Verificação de Similaridade

Este artigo foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o software de detecção de texto **iThenticate** da Turnitin, através do serviço **Similarity Check** da Crossref.



Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (**Double blind peer review**).

Editores

Cláudia Tavares do Amaral

Fomento

O artigo foi editado, diagramado e publicado com o apoio do auxílio financeiro concedido pela **FAPEG Edital nº 10/2023** – Programa de Apoio a Periódicos Científicos de Instituições de Ensino Superior do Estado de Goiás.



Publisher

Este artigo foi Publicado na **Revista Poiesis Pedagógica** vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da **Universidade Federal de Catalão - UFCAT**. A Revista Poiesis Pedagógica publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da UFCAT. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na **Avaliação CAPES (2017-2020)** a Revista Poiesis Pedagógica obteve **Qualis B1**.

